

Diversão & Arte

A CHORO POPULAR ORQUESTRA DÁ INÍCIO À TEMPORADA DE 2026 COM UM CONCERTO DEDICADO À MISTURA ENTRE REPERTÓRIO CLÁSSICO E CONTEMPORÂNEO

SONHO QUE VIROU REALIDADE

» NAHIMA MACIEL

A ideia de que uma orquestra poderia dar um volume mais grandioso ao choro se instalou na cabeça do violonista Henrique Neto há cerca de dois anos e só sossegou quando ele fundou a Choro Popular Orquestra. Pensada para absorver instrumentistas da cidade e da Escola Brasileira de Choro, da qual Henrique é diretor, a orquestra tomou forma e estreou em 2024, amadureceu e chega a 2026 com uma estrutura consistente e um programa de nove concertos que tem início neste domingo.

Com o maestro Fabiano Medeiros, parceiro na fundação da orquestra, Neto dá sequência a um projeto cujo objetivo é criar espaços para o gênero e para os profissionais da música. “Essa orquestra é um sonho antigo da Escola Brasileira de Choro”, avisa Neto. “É uma outra forma de roupa para uma música geralmente mais

intimista. É a possibilidade de a orquestra apresentar o choro de uma outra forma, de maneira mais grandiosa, explorando outros recursos musicais que somente uma formação assim proporciona.”

Formada por 30 músicos divididos entre os naipes de sopros e percussão, a Choro Popular Orquestra tem uma particularidade: um regional com um violão de seis e outro de sete cordas, bandolim, cavaquinho e pandeiro toca à frente como protagonista, ou uma espécie de solista multi-instrumental. “O regional está dentro da orquestra. O layout da orquestra é muito singular, não existe uma orquestra com essa formação, com o regional em tom de protagonista”, avisa o maestro Fabiano Medeiros.

O concerto de hoje, uma celebração dos 113 anos da Shell, que patrocina a orquestra, tem um repertório pensado para incluir o choro, mas também para ir além. “Nossa ideia é apresentar um panorama, fazendo uma viagem contando a história do choro de

1840 aos tempos de hoje”, avisa Neto. Tudo começa com Joaquim Antonio da Silva Callado, considerado o primeiro chorão do país, e Chiquinha Gonzaga, passando pelos clássicos do século 20 e desembocando na contemporaneidade, com o *Chorinho em Cochabamba*, de Rogério Duarte e Eduardo Neves.

O programa traz, ainda, peças tradicionais, como a *Aquarela do Brasil*, com arranjo especial desenvolvido para a orquestra, alguns frevos e uma versão de *Carinhoso* que será cantada por Joana Duah, que também canta *Desabafo* (Ivan Lins). “O choro abraça todos esses gêneros musicais do Brasil”, avisa Neto. “É uma viagem pelo tempo, sempre trazendo essas composições tradicionais e contemporâneas ao mesmo tempo, porque o importante é manter o choro vivo sem perder nossa origem e tradição. E a orquestra tem esse princípio de liberdade de diálogo com novas gerações.”

O maestro Fabiano lembra que o choro

é uma linguagem com matriz na cultura popular brasileira e, por isso, tem profunda ligação com a identidade nacional. “A base, as influências que o choro recebe, são da cultura popular, são ligadas ao povo brasileiro. Quando se traz para uma leitura de orquestra, você coloca essa cultura num lugar de destaque”, diz. Instrumentos como flauta, trombone e clarone proporcionam o encontro de vários timbres, o que acaba por dar ao choro uma sonoridade única. “É uma música brasileira, tocada em tom brasileiro e a orquestra recebe essa musicalidade do choro. Essa é a singularidade da orquestra”, explica o maestro. “É um jogo timbrístico muito interessante e que bom que nasceu em Brasília, um reduto do choro. Nossa dificuldade agora é de colocar no cenário nacional, porque o eixo Rio-SP se preserva e o mercado de trabalho ainda não absorve a qualidade dos músicos para eles se sustentarem na cidade.”

TRÊS PERGUNTAS PARA HENRIQUE NETO

Qual era a intenção quando você decidiu fundar a orquestra?

A ideia é também abrir um espaço para músicos poderem tocar e produzir arranjos específicos.

Fabiano Medeiros é um parceiro desde o princípio e a gente cria arranjos pensando em contar a história do choro desde o século 19. A gente apresenta compositores desde essa época até hoje e faz uma viagem pelo tempo de forma musical, contando fatos marcantes que aconteceram do ponto de vista musical e histórico, porque o choro conta a história do nosso país.

Por que colocar um regional na orquestra?

O grande diferencial é ter a orquestra com o regional na frente, como protagonista. Um cavaquinho,

dois violões, pandeiro e bandolim. Isso dá uma sonoridade e mostra uma nova forma de se ouvir choro. A gente tem uma visão muito aberta, como é próprio do choro, de trazer outro repertório que não seja de clássicos, mas mesmo clássicos a gente apresenta, como a versão de *Carinhoso* que mescla universo pop a tradição de uma das músicas mais conhecidas do Brasil.

A orquestra é de choro, mas também toca outros gêneros. Tem instrumentistas de várias origens. Qual o perfil da orquestra?

Temos, desde o início, a premissa de ser uma orquestra que apresenta a diversidade da música brasileira,

mas também das pessoas. Equilibramos no número de instrumentistas mulheres, temos uma instrumentista trans, e isso é muito importante, também, para o conceito da orquestra, uma vez que a música e, no geral, o cenário artístico, sempre foi mais dominada por homens. Por isso, temos essa preocupação de equilibrar. Grande parte dos integrantes foram alunos ou professores da Escola Brasileira de Choro ou têm vínculos. Outros vieram de carreiras distintas, como EMB, bombeiro e Aeronáutica. É bem variado e também serve como espaço de estímulo para que os alunos da escola assumam esses postos.

APRESENTAÇÃO DA CHORO POPULAR ORQUESTRA EM COMEMORAÇÃO AOS 113 ANOS DA SHELL NO BRASIL

Hoje, às 19h, no Clube do Choro. Entrada gratuita mediante retirada de ingressos na Bilheteria Digital.



Choro Popular Orquestra |

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sargeon

